

O Caráter Clássico do Método Filosófico Blondeliano de Investigação do Problema Religioso

O objetivo desta aula é analisar a compreensão blondeliana do “problema religioso” e elencar as características do método próprio para o estudo deste fenômeno, assim como o expôs Maurice Blondel (1861-1949), em sua célebre *Carta sobre as exigências do pensamento contemporâneo*. Esta carta nos apresenta um modelo fecundo de tratamento do problema, merecendo, portanto, o qualificativo de “clássico”. Veremos, ao final, como Blondel nos permite tratar o tema do XII Simpósio Internacional Filosófico-Teológico: relações e tensões entre Filosofia e Teologia¹.

A *Carta Sobre as Exigências do Pensamento Contemporâneo* é um longo artigo, publicado entre janeiro e julho de 1896, nos *Annales de philosophie chrétienne*. Ela responde às reações causadas, nos meios acadêmicos laicos e religiosos cristãos, pela publicação da grande tese sobre *A Ação*, que Blondel defendera em 1893². Acusaram-no, então, de pretender importar elementos estranhos (religiosos) para o âmbito da investigação filosófica, a fim de rebaixar a autonomia da razão, por um lado. E, do lado oposto, afirmaram que ele pretenderia negar o caráter gratuito da revelação. O filósofo encontra nestas críticas a ocasião para esclarecer o alcance de sua investigação na tese de 1893, além de mostrar, com o exemplo do problema religioso, a pertinência e fecundidade do método empregado.

Na *Ação* (1893), Blondel defendeu, por meio de uma teoria da ação, o caráter intrinsecamente religioso da experiência moral. *A Ação* (1893) tem sido definida por bom número de estudiosos como uma filosofia moral da opção religiosa, desenvolvida em chave fenomenológica. O resultado da investigação ali levada a cabo é que, na existência humana, cada um de nós atravessa obrigatoriamente uma opção por ou contra o sentido da vida, e essa opção é fundamentalmente opção religiosa, embora nem sempre o seja explicitamente³. Apoiado nesse resultado, Blondel examinara, ao fim de sua tese, as noções de revelação, dogma e prática religiosa, inspirando-se claramente de seu catolicismo, mas afirmando fazê-lo dentro dos limites (ampliados) da razão.

¹ O título completo da carta : *Lettre sur les exigences de la pensée contemporaine en matière d'apologétique et sur la méthode de la philosophie dans l'étude du problème religieux (1896)*. O título *Carta sobre a apologética* que lhe foi aplicado pelos manuais e discussões do início do século é errôneo. Por isso preferimos seguir a opção da edição crítica das obras completas. Para um estudo clássico sobre o “clássico” em Blondel, cf. BRITO, 2000. *Le rapport de la philosophie et du christianisme selon M. Blondel*. Revue Théologique de Louvain. 32, 2000, 209-254.

² Para uma apresentação biobibliográfica, em português, da obra blondeliana cf. PIMENTEL, 2012.

³ Cf. ANTONELLI, 2006.

Do lado da universidade francesa, portanto, houve leitores que interpretaram a tentativa do jovem filósofo como um atentado aos direitos da razão, uma tentativa de submeter a razão autônoma à obediência da fé, como no caso do racionalismo de Brunschvicg. Tal desconfiança, no contexto laicista francês do fim do XIX, fechou as portas da carreira universitária durante dois anos a Blondel. E este só seria nomeado professor em 1896.

Do lado dos católicos, alguns tenderam a considerar o livro de Blondel como um tratado de apologética, não apenas de defesa da fé, mas uma prova filosófica da verdade da fé, como nas apresentações feitas à época por Charles Denis. Por isso mesmo, certos teólogos católicos de formação escolástica reagiram, acusando Blondel de pretender reduzir toda fé cristã a um mero produto da razão humana.

Blondel redige sua Carta sobre as exigências do pensamento contemporâneo em matéria de apologética e sobre o método da filosofia no estudo do problema religioso, para opor-se às interpretações acima elencadas, e para esclarecer sua intenção original. Ele o faz por meio da definição de seu método de investigação e da atitude particular que tal método exige na investigação filosófica. Ao intitular a carta como *Exigências do pensamento contemporâneo*, Blondel sugere haver certas normas do pensamento filosófico constituído, tecnicamente definido, que impõem limites e indicam caminhos para o estudo do fenômeno religioso. O exame do artigo nos mostrará porque a alcunha *Carta sobre a apologética* trai em boa parte a intenção do autor.

1 O desenho lógico do escrito, com suas tríades

Publicada em seis artigos, ao longo do primeiro semestre de 1896, *Exigências do pensamento contemporâneo* divide-se em três partes:

I. Dos diversos métodos da apologética e de seu alcance

II. Do ponto precisamente filosófico no problema religioso e do método próprio a tocá-lo

III. Da mútua renovação de perspectivas filosóficas e religiosas pela ação plenamente consequente do pensamento moderno

1.1 Dos diversos métodos da apologética e de seu alcance

Blondel propõe uma apreciação crítica dos métodos apologéticos praticados então. Estes métodos tinham por finalidade provar a verdade do cristianismo, afirmando sua conformidade com a vida humana e a superioridade de sua doutrina como luz para todas as dimensões da existência. Seus defeitos principais consistem, como se pode deduzir, em considerar o “sobrenatural” segundo sua adequação à natureza, ou seja, em conformá-lo às exigências da vida humana. Além disso, não

determinavam criticamente a possibilidade e a necessidade de uma investigação do fenômeno religioso, tampouco o ponto e o modo de relação entre o natural e o sobrenatural.

Vale notar que a crítica de Blondel se encerra pelo exame da síntese doutrinária de certo tomismo, que não soube ser fiel até o fim ao próprio Tomás de Aquino. Nele, a ordem da fé (sobrenatural) encontra-se sobreposta à ordem da razão (natureza), mas sem uma crítica prévia do Logos hegemônico do pensamento antigo. Este Logos é aceito sem mais, e cria o que Blondel chama de uma "síntese híbrida" e instável. A sequência lógica deste procedimento instável de sobreposição terá como estágios históricos uma justaposição entre fé e razão, depois uma separação e, enfim, uma oposição entre ambas.

O ponto contestado por Blondel de modo recorrente, nesta parte do artigo, é a pretensão filosófica de tais abordagens do problema religioso. Com efeito, os métodos tradicionais da apologética desconhecem a evolução do pensamento filosófico contemporâneo e o passo decisivo e definitivo, dado pela filosofia na modernidade, ou seja, o passo da autonomia da razão a guiar-se pelo princípio de imanência.

O fruto dessa primeira parte – que é uma autêntica *pars destruens* – é, sobretudo abrir o espaço para a *pars aedificans* que a segue.

1.2 Do ponto precisamente filosófico no problema religioso e do método próprio a tocá-lo

É a parte do artigo em que nos deteremos por mais tempo. Nela Blondel sustenta a impossibilidade de se retornar ao esquema das duas ordens sobrepostas, para compreender a relação entre fé e razão. É necessário, pois, tomar decididamente o ponto de vista e a atitude da filosofia contemporânea, como única forma válida de tratar filosoficamente o problema religioso. Eis o que permitirá superar os limites da apologética antiga e contemporânea ao autor, a fim de propor uma "filosofia religiosa".

1.3 Da mútua renovação de perspectivas filosóficas e religiosas pela ação plenamente consequente do pensamento moderno

Nessa parte, Blondel estuda, de um lado, a presença fecunda do espírito cristão no desenvolvimento da filosofia moderna. Tal desenvolvimento oferece aos cristãos uma ocasião preciosa para compreender melhor o que se crê, para adquirir uma atitude mais conforme ao mistério da fé no diálogo com o "outro". Enfim, se a relação entre fé e razão encontrar-se restabelecida e esclarecida, surgirá a possibilidade de uma filosofia integral, aberta a uma fé integral.

2 Do Método

A partir da auto-compreensão da filosofia moderno-contemporânea, apresentemos o seu conflito com o cristianismo. Conforme acenado acima, Blondel concebe as relações entre filosofia e problema religioso num cenário de crise, ou seja, de oposição entre razão e fé. Mas tal crise pode trazer bons resultados para o estudo deste problema, pois ela é uma crise de identidade da filosofia que, pouco a pouco, definiu-se na história moderna restringindo seus resultados. Deve-se mostrar que esta restrição tornou-a capaz, por isso mesmo, de ampliar o alcance da investigação filosófica. É fundamental, portanto, redefinir o problema à luz da consciência filosófica do tempo, ao invés de buscar negá-la. Esta seria, aliás, a única maneira de corrigi-la, utilizando-se dos meios que ela mesma oferece e purificando-a dos obstáculos ilusórios. Ora, de um lado, o pensamento moderno considera a noção de “imanência como a condição mesma da filosofia” (124) Ela pode ser definida como:

“a ideia, muito justa em seu fundo, de que nada pode entrar no homem que não saia dele e não corresponda de algum modo a uma necessidade de expansão, e que nem como fato histórico, nem como ensinamento tradicional, nem como obrigação sobreacrescentada de fora, não há para ele verdade que conte e preceito admissível sem ser, de alguma forma, autônomo e autóctone” (124).

Esta pequena definição do conceito de imanência, aplicada ao método filosófico, foi largamente retida por Blondel e adotada em sua própria investigação. Ele a compreendia segundo três aspectos já presentes na citação acima: 1) Nada, de fato, pode penetrar em nós, seres espirituais, que não encontre em nós, não somente um lugar livre, mas uma real disposição, permitindo uma assimilação do que nos é proposto; 2) Nada, em todo caso, age eficazmente sobre nós que não responda em nós a uma espera a uma necessidade qualquer; 3) Nada, enfim, vale absolutamente para nós se não pode ser ratificado por nossa reflexão e consentido por nossa vontade livre⁴.

De outro lado, Blondel afirma que o fato cristão é estritamente

“Sobrenatural – não apenas transcendente, no simples sentido metafísico da palavra, porque, finalmente, podem-se supor verdades e existências superiores a nós, cuja afirmação, procedendo de nosso fundo, seria imanente ela mesma – mas propriamente sobrenatural, ou seja, que é impossível ao homem tirar de si o que, no entanto, se pretende impor a seu pensamento e a sua vontade” (124).

Tentemos agora definir o conflito, insolúvel apenas em aparência, que nasce dessas duas definições. Ele não se deve ao caráter impositivo da verdade (conforme o fim da citação), pois toda verdade se impõe, ou melhor, se sustenta por si mesma e conduz ao assentimento de quem a

⁴ ARCHAMBAULT, 1946, p.16

conhece. O conflito nasce da forma como essa verdade se apresenta e solicita o assentimento, ou seja: a forma do dom.

Blondel define o conflito propriamente formal, da seguinte maneira:

“pois tudo o que nós tiramos de nós não é nada do que nós temos a receber; e jamais, por essa via, nós encontraremos a dificuldade verdadeira (...), uma vez que não é o objeto ou dom, mas a forma e o fato do dom que é o obstáculo. (...) Não o ter como recebido e dado, mas como encontrado e vindo de nós, é o mesmo que não o ter absolutamente; e é esse o escândalo da razão; é nesse ponto muito precisamente que se faz necessário fixar os olhos, para sondar o aguilhão filosófico [que atinge] as consciências [d]aqueles de nossos contemporâneos que se governam pelo pensamento” (125).

O Conflito ou problema é, pois, evidente. Mas, longe de frear a investigação, ele conduz à definição de uma das exigências do pensamento contemporâneo. Se uma investigação do fenômeno religioso (tal como o cristianismo) quer ser filosófica, ela deverá, por um lado, respeitar a autonomia da razão, o princípio de imanência que constitui tal investigação. Mas por outro lado, respeitar seu objeto, e o caráter claramente heterônomo da verdade que nele se apresenta. Como proceder?

A solução de Blondel consiste em tomar o cristianismo (aqui se deve entender a Revelação) como uma hipótese a verificar, ou seja, admitindo sua verdade inicial, mas colocando-a à prova da razão autônoma, ao menos até onde a razão seria capaz de chegar sem desvirtuar o sentido do dado a investigar. Essa fronteira parece bem definida a partir da noção de imanência acima estudada. A filosofia não saberia pronunciar-se sobre o fato cristão, mas ela seria apta a definir as disposições necessárias em nós, disposições que nos permitiriam admitir tal fato, embora sejam incapazes de produzi-lo, ou de estabelecer sua verdade.

Esta reflexão sobre o método, conforme afirmamos, tem como pano de fundo os resultados obtidos na grande obra de Blondel *A Ação* (1893). E um rápido sobrevoo nos permitirá compreendê-la melhor, pois o método surge da verdade do objeto investigado.

Na *Ação* (1893), a forma argumentativa da provação do fato cristão é o argumento *elenktiko*, conhecido também como retorsão. Blondel desenvolve uma fenomenologia reflexiva do agir humano, na qual a vontade daquele que se realiza na ação, que se expressa ao agir, é captada reflexivamente e criticada em seu alcance: o que se quer de fato em cada ação e até onde podemos realizá-lo? Sua pretensão é verificar se, sim ou não, a vida humana se esgota na imanência, nas múltiplas mediações que compõem nossa existência histórica, ou seja, as mediações da experiência sensível, da ciência moderna, do trabalho, da educação, da arte, da amizade, do amor, da vida política, da moral e da religião. Sua conclusão é que, todas essas mediações são necessárias para a

auto-realização humana, o que ele expressa num discurso dialético que as une numa corrente lógica. Mas elas são insuficientes, em dois sentidos: nenhuma delas se basta a si mesma, cada uma necessita do sentido das outras para ser justificada. E cada uma delas exige mais do que é capaz de realizar. Há uma última mediação necessária, porém impossível para o humano. Ela se encontra, na verdade, implicada em todas as realizações da vida, mas não como uma conquista da vontade. Ela possui, portanto, a forma de um dom e, como tal, constitui uma solicitação a ser acolhida ou rejeitada⁵.

Trata-se de uma condição indispensável da realização humana, definida negativamente, a partir da diferença existente em nós entre nosso pensamento refletido e nosso pensamento espontâneo, entre nossa vontade querida, ou seja, nossas realizações; e nossa vontade volente, ou seja, o dinamismo que constitui nosso ser, segundo uma inquietude inesgotável, experienciada na história de cada ser humano singular. Blondel chama esse dinamismo de *Lógica da Ação*⁶. Ou seja, por meio de uma dialética entre o espontâneo e o realizado, entre a vontade que quer e a vontade querida, traça-se uma corrente lógica em que cada realização humana finita expõe-se como uma limitação a ser assimilada pela vida, ao mesmo tempo em que a ser superada numa expansão posterior voluntária e livre. Assim, percorrendo os diversos anéis desta corrente, a consciência encontra-se, finalmente, com uma última opção indispensável, mas que lhe é impossível realizar, pois se trata de assumir o próprio infinito que trabalha e aguilha o agir humano, mas que não é obra humana. Aceitar-se é aceitar essa solicitação do Outro que nos inquieta, aceitar o próprio coração inquieto e abrir-se ao único repouso que o possa cumular. Aceitar-se, enfim, é formular o enigma que o ser humano é para si mesmo, e abrir-se ao sentido do mistério que atravessa nossa existência.

Ora, é essa estrutura humana, essa condição indispensável da ação humana, que mostra haver no homem puramente homem e na filosofia autônoma um ponto de contato que atende às pretensões da Revelação cristã. A autonomia da razão encontrar-se-ia, segundo Blondel, suspensa a uma heteronomia de fato, pois sua visada ultrapassa sempre o campo imanente do pensamento. Funda-se, assim, uma abertura constitutiva do espírito humano a um possível dom que o viesse cumular. E Blondel examina mesmo quais seriam as condições históricas dessa revelação divina, indo até a afirmação da prática ritual.

No artigo de 1896, o "Mestre de Aix", a fim de esclarecer seu propósito, afirma com maior convicção o caráter fenomenológico da investigação de 1893, o que garante a permanência da investigação no campo imanente da filosofia, embora seu resultado seja justamente um convite a

⁵ Cf. *L'Action* (1893), partes terceira e quarta.

⁶ Cf. PIMENTEL, 2008.

superar a imanência rumo à transcendência de Deus, mediante uma opção pessoal implícita ou explícita pelo "sobrenatural". A filosofia é um convite constante a sair da própria filosofia, para lançar-se à vida, enquanto a vida, de seu lado, sempre se reflete e, assim, se abre à filosofia. Mas o fato importante em nosso estudo é que, restringindo a natureza de suas conclusões, a razão pode assim ampliar seu alcance. Confirmemo-lo com esta última citação:

"nossa ideia das verdades ou das existências transcendentais, reais ou não, permanece imanente enquanto ideia nossa; e, antes de termos de nos pronunciar sobre o alcance do que nós pensamos, é importante determinar o que nós pensamos de fato. Ou seja, é preciso desdobrar a série integral de nossas ideias inevitáveis e de nossas concepções solidárias (...) tal como ela se produz sob a preocupação dos problemas ontológicos e morais" (128). [... E] assim, a afirmação imanente do transcendente, fosse ele o sobrenatural, não prejudica em nada a realidade transcendente das afirmações imanentes (...), [pois trata-se de] estudar, por exemplo, nossa ideia de Deus, não enquanto ela é Deus, mas enquanto ela é nossa ideia necessária e eficaz de Deus"(129).

À tendência a naturalizar o Sobrenatural, Blondel responde com a autonomia das realizações humanas e o mistério de Deus. À tendência a sobrepor, justapor e, finalmente, opor o natural e o Sobrenatural, Blondel responde determinando o ponto exato de contato entre as assim chamadas "duas ordens" (natural e sobrenatural), pois examina, de um lado, a insuficiência de nossas realizações efetivas, e, de outro lado, define o elã espiritual, que nos abre e reabre segundo uma aspiração infinita. A consequência desta dupla operação é uma mudança de sentido nos termos "natural" e "sobrenatural", pois estes agora se encontram intimamente relacionados. Do ponto de vista filosófico, estabelece-se a abertura para a transcendência. E do ponto de vista teológico, encontra-se na existência humana um fato que testemunha a presença e a ação de Deus (graça) nesta mesma existência. E assim definem-se as relações e tensões entre Filosofia e Teologia.

3 O caráter clássico ou normativo do método apresentado.

De posse destes elementos, podemos agora enumerar seis características que, a meu ver, fazem do método de investigação do fenômeno religioso, concebido por Blondel, uma fonte de inspiração para a filosofia da religião, ao menos no que tal método possui de exemplar, definitivo, normativo ou, em uma palavra, "clássico"⁷.

a) Um primeiro traço clássico do método blondeliano é seu *cuidado crítico* na investigação do fenômeno religioso. Blondel não se contenta com uma investigação fenomenológica do problema religioso, mas ele busca situar o *surgimento deste fenômeno* numa lógica da existência humana. Assim procedendo, ele conduz a uma justificação filosófica da própria investigação. Ele propõe uma posição do problema enraizado na existência humana e, com isso, reinterpreta

⁷ Cf. BRITO, 2000, texto essencial e citado quase ao pé da letra para os "traços" aqui elencados.

filosoficamente esta existência e fornece um novo caminho à reflexão teológica. O estudo do problema religioso (estudo que inclui a teologia filosófica e a filosofia da religião em sentido estrito) não é uma atividade artificialmente acrescentada ao âmbito da filosofia, mas é parte integrante de suas preocupações; não apenas possível, mas necessário para a constituição de uma filosofia integral.

b) Um segundo traço “clássico” do método e da atitude filosófica de Blondel é o imperativo de uma verificação, de uma justificação filosófica da fé, embora aquém da *experiência da fé*. Blondel antepõe à questão vital da *verdade da fé*, a questão fundamental das condições e das exigências próprias ao seu surgimento na vida humana, tanto quanto seja possível estabelecê-las para uma investigação racional, avaliando-as à luz da orientação profunda que se manifesta em nosso agir. Ele estabelece dessa forma um campo de investigação aberto ao *sentido da fé* para a existência humana. E com isso ele alcança uma justificação filosófica clássica do *ato de crer*.

c) Um terceiro traço clássico do gesto filosófico blondeliano encontra-se em sua compreensão progressiva da relação entre a razão e a fé cristã. Blondel é conduzido na *Ação* (1893) a formular certas exigências e aspirações da existência humana, em matéria religiosa. Ele o faz, certamente, tendo em seu horizonte a “hipótese cristã”, recolhida da realização histórica do cristianismo como catolicismo, embora não importe dados dessa hipótese que não sejam justificados criticamente pela investigação filosófica autônoma. Uma vez estabelecidas essas exigências religiosas imanentes que prescrevem, no entanto, a superação da imanência numa abertura ao sobrenatural, a consciência crente vê-se dotada de ferramentas críticas, para garantir a autenticidade da experiência da fé. Mas supondo que a hipótese resiste à crítica, abre-se um novo campo de investigação filosófica que poderia definir-se como campo hermenêutico. Ou seja, cristianismo, com sua linguagem simbólica, faz pensar, o que nos conduz a um quarto traço clássico.

d) Um quarto traço clássico deste método é a sua concepção dinâmica da investigação do fenômeno religioso, concebida como diálogo entre os *enigmas* humanos e os *mistérios* divinos. Este passo será desenvolvido posteriormente por Blondel, mas já encontra aqui seus germes visíveis. Ao situar o surgimento das questões religiosas numa lógica da ação, o discurso filosófico, se as quer respeitar até o fim, deve formulá-las como enigmas próprios à condição humana em geral. Tais enigmas não podem ser respondidos e saneados definitivamente e, com isso, eliminados da vida. Eles pertencem àquelas *questões definitivas*, a serem tratadas pela abertura da consciência ao sentido do mistério.

O passo da fé abriria, por sua vez, a respostas igualmente inesgotáveis, e disponíveis para a interpretação. O contato entre enigmas e mistérios abre um ciclo ininterrupto de ações e interpretações sempre novas e fecundas. Mas a complementaridade aqui é por superabundância, pois o mistério ultrapassa sem cessar o que a solução do enigma exigia. Há, pois, uma crítica fundamental contra todo literalismo, embora Blondel não se oponha, antes justifique a necessidade dos ritos.

e) Um quinto traço clássico do método blondeliano é a determinação de um espaço interdisciplinar entre a filosofia e a teologia confessional. Blondel influenciou e marcou definitivamente a própria teologia cristã do século XX, quando indica que, entre as verdades reveladas da fé cristã, contidas nas palavras reveladoras da Escritura, e a situação atual do ser humano e de seu mundo, situa-se uma tarefa filosófico-teológica. Eis a operação hermenêutica necessária e atribuída hoje de forma prioritária, no campo da teologia católica, à disciplina chamada *teologia fundamental*. Operação que recobre, parcialmente, as tarefas da filosofia da religião, abrindo assim um espaço interdisciplinar de colaboração entre ambas disciplinas.

f) Um sexto e último traço clássico do método blondeliano é a crítica das reduções antropológicas da fé e a superação do esquema teológico das “duas ordens”. Após Blondel, tornou-se ao menos questionável conceber o problema religioso como uma mera extensão das questões humanas e, portanto, totalmente redutível às respostas imanentes e históricas. Ou melhor, Blondel determinou filosoficamente, a partir da própria imanência da razão e de sua autonomia, o campo de investigação de um fenômeno irreduzível e singular: o fenômeno religioso. Ele o fez definindo o ponto exato em que, ciente de sua insuficiência, a existência humana se abre a seu Outro divino, e se abre, portanto, a uma heteronomia que é o fundo de onde nasce a realidade da liberdade finita na história. A liberdade só se diferencia de todas as suas condições (biológicas, sociológicas etc) e se apresenta como um absoluto diante do determinismo da natureza, porque se encontra elevada em intenção ao infinito que ela mesma jamais realiza. Mas esta operação repercute na própria teologia cristã, pois, após Blondel, tornou-se igualmente questionável pensar a revelação segundo o esquema de duas ordens inteiramente separadas, em que o sobrenatural parece impor-se à consciência, que não o pode compreender ou, o que parece pior, só o pode compreender naturalizando-o.

Se o ser humano une-se pela fé com o mistério de Deus e o reconhece *como mistério*, é que em sua existência ele já o buscava, mesmo sem o saber, para amá-lo ao encontrar-se com Ele.

Álvaro Mendonça Pimentel
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE
alvaropimentel@faculdadejesuita.edu.br

Bibliografia:

- ANTONELLI, B. *Maurice Blondel*. São Paulo : Loyola, 2006. Contém artigo de Blondel : p. 61-93.
- ARCHAMBAULT, P. *Vers un réalisme intégral: l'oeuvre philosophique de M. Blondel*. Paris: Bloud&Gay, 1928. (Cahiers de la Nouvelle Journée 12).
- BLONDEL, M. L'Action: essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique, XXV-492 p. (1893). In: _____. *Oeuvres complètes I: 1893 : les deux thèses*. Paris: P.U.F., 1995. p. 1-530.
- BLONDEL, M. Lettre sur les exigences de la pensée contemporaine en matière d'apologétique et sur la méthode de la philosophie dans l'étude du problème religieux (1896). In: _____. *Oeuvres complètes II: 1888-1913: la philosophie de l'action et la crise moderniste*. Paris: P.U.F., 1997. p. 97-173.
- BLONDEL, M. *La philosophie et l'esprit chrétien I: autonomie essentielle et connexion indéclinable*. Paris: P.U.F., 1944. (Bibliothèque de philosophie contemporaine – histoire de la philosophie et philosophie générale). Seção dirigida por Émile Bréhier.
- BOUILLARD, H. *Blondel et le christianisme*. Paris: Seuil, 1961a.
- BRITO, E. *Le rapport de la philosophie et du christianisme selon M. Blondel*. Revue Théologique de Louvain. Louvain, v. 32, 2000. p 209-254.
- DUMÉRY, H. *Raison et religion dans la philosophie de l'action*. Paris: Seuil, 1963.
- PIMENTEL, A. *A lógica da ação de Maurice Blondel: explicitação crítica na Ação (1893)*. Texto em meio eletrônico. Minas Gerais: BDTD-UFMG, 2008. URI : ARBZ-7G5K29.
- PIMENTEL, A. Maurice Blondel: a ação criadora e o apelo da norma. In CARDOSO, D. *Pensadores do Século XX*. 1 ed. São Paulo : Loyola, 2012, p. 145-160.